
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

IDENTIDADE/ ALTERIDADE EM “A ESTÓRIA DO HOMEM DO PINGUELO”, DE GUIMARÃES ROSA

Adelaide Caramuru César
(Universidade Estadual de Londrina)

RESUMO: Objetiva-se apresentar leitura do conto “A Estória do Homem do Pinguelo”, de Guimarães Rosa. Trabalhar-se-á o papel da alteridade na constituição da identidade, seja no que diz respeito aos narradores presentes no conto, seja no que diz respeito às personagens. Concluir-se-á que, em “A Estória do Homem do Pinguelo”, o conhecimento da alteridade conduz à conquista da identidade, podendo, a partir deste conhecimento, melhor efetivarem-se os desígnios já determinados pelo destino. Alcançar-se-á, pois, o vínculo do conto com o trágico.

PALAVRAS-CHAVE: narrador; personagem; Guimarães Rosa.

“Porque: quem é, tem de ser! A gente a si mesmo se ajuda, é quase sem se estar sabendo o que se faz.” (Guimarães Rosa)

“A Estória do Homem do Pinguelo”, conto publicado por Guimarães Rosa na revista *Senhor* em março de 1962 e hoje inserido no volume póstumo intitulado *Estas Estórias*, possui estrutura dúplice: dois narradores, narrador rústico, José Reles, e narrador culto, não nominado; dois personagens centrais, Seo Cesarino e Mourão. Esta duplicidade mostra-se no conto altamente funcional. Apreendendo a realidade do outro, os sujeitos acabam por descobrir a si próprios e por assumir competência para modificação do destino, ou, melhor dizendo, para fazer cumprir a sorte já previamente determinada, como diz José Reles: “Porque: quem é tem que ser! A gente a si mesmo se ajuda, é quase sem se estar sabendo o que se faz” (139).

Cada um dos dois narradores presentes em “A Estória do Homem do Pinguelo” possui registro específico na folha de papel. Quem abre a narrativa é o narrador culto e suas palavras serão sempre grafadas em itálico, revelando,

inicialmente, grande competência para abstração. Este narrador, ainda que tenha pleno conhecimento do que é contado pelo segundo narrador, não participa da ação relatada. Seu papel consiste em clarificar o relato de José Reles, tendo em mente a eficiência na recepção da história pelo leitor. Seu estatuto de crítico aparece ironicamente logo em sua primeira fala registrado em nota de pé-de-página, onde explica a expressão “*mais ou menos*”, presente no corpo de seu discurso, da seguinte maneira: “*Variante: menos ou mais*”. Já o narrador rústico, José Reles, terá a fala marcada pela oralidade. Em seu discurso inserem-se as falas das demais personagens, normalmente através do discurso direto. Suas palavras serão sempre antecedidas de travessão, sendo o objetivo de tal sinal gráfico marcar a situação de diálogo, não com o narrador culto, mas sim com um narratário do qual nada se sabe. Este representante textual do leitor, ainda que se faça presente em seu discurso, não apresenta identidade. Os narradores não conversam entre si. Parecem, no entanto, reciprocamente saber o que é dito pelo parceiro, uma vez que registram tal fato na estrutura textual. Assim, no primeiro parágrafo do conto, lê-se:

Nada em rigor tem começo e coisa alguma tem fim, já que tudo se passa em ponto numa bola; e o espaço é o avesso de um silêncio onde o mundo dá suas voltas. Esfera com mares, em azul, que confeçam terras de outras cores. Montanhas se figuram por fieirinhas de riscos. Os rios representam-se a traços, sinuosos mais ou menos. Aí e cada cidade é um centro, pingo ou não em pequenino círculo. Mas, o povoado... (128)

Note-se que a fala do narrador culto, marcadamente abstrata, termina com a denominação do lugar onde se passará “A Estória do Homem do Pinguelo” como “povoado”, sendo, de imediato, corrigida pelo narrador rústico, José Reles, no discurso subsequente. Este inicia seu relato pela denominação do local onde ocorrerá a ação como “arraial”. “Povoado” e “arraial” são coisas distintas. O segundo é maior que o primeiro. O povoado é constituído por casas à beira de uma estrada, tendo surgido sem que houvesse uma pré-organização. O arraial, por sua vez, possui, ainda que poucas, ruas, lojas, igreja. Há no arraial uma estrutura de *pólis*, cidade organizada, embora rudimentarmente, sendo esta, obviamente, que permitirá a efetivação da fábula narrada, onde se deparam um lojista e um boiadeiro. A correção do registro da fala do narrador culto acima citado é feita de maneira imediata pelo narrador rústico:

- Arraial. O arraial que, já nos dantes tempos, se datava do Sr. Sagrado Coração de Jesus e um Seo Coronel Regismundo dos Reis Fonseca. Afianço que aquém ou além, por estes fundos

nossos. As casas meio em beira do rio, sobre o em onde a barra do ribeirão; e é ver que inda tem uma lagoa, no que era para comum ser somente o Largo da Igreja. Lugarzinho amansado de quieto, conformemente, pelo mor moroso. Lá, o existir é muito escasso. Em tanto que, com o pessoal todo conhecidos uns dos outros, as coisas nem acontecem com regra de separação, mas quase só como se inventando de ser – no crescer do plantado e no virar do ar. Assisti ali, dos três aos trinta, naquele princípio-de-mundo. Lugarejo... (129)

Já nestas duas primeiras falas citadas, nota-se claramente a oposição entre os narradores. José Reles revela-se como homem da terra, pois no arraial onde ocorrerá a história conta ter vivido desde os três anos de idade. Trata-se de um personagem-narrador. Sua ocupação reside em contar fatos por ele vivenciados, não como protagonista, mas como coadjuvante. Conta que, no momento em que registra a história, possui trinta anos de idade. Ele mesmo cuida de inserir-se na narrativa:

Teve quem se diz que enriqueceu. Eu é que estou no que era, fiquei sendo. Dono de chácara, dono de sítio, de diversos – construção, carroças – perdi tudo, o mais reperdi, parei no à toa. Vivendo como não posso. Isso não tira de minhas alegrias. Hoje, já me revejo quase meio remediado, enquanto que é a outra vez. Saí de lá, andei morando em distantes comércios, guardei o de Deus, gastei o do diabo... Mas, o que no fim de cada mês me falta, a minha Nossa Senhora intéira. Com a ajuda superior, eu vivo é do que é o do bico dos pássaros... (129)

O narrador culto, por sua vez, não apresenta seu vínculo com o espaço do relatado e nem sequer faz saber seu nome ou idade. Fica claro o conhecimento anterior da história e do espaço interiorano onde os fatos narrados ocorreram. Isto torna-se manifesto pelos acréscimos informativos que insere no conto, de maneira a deixar mais perceptível ao leitor a estória relatada. É ele quem faz saber que, por exemplo, “*Seo Cesarino devia de contar uns 25 anos*” (138). José Reles fala da presença constante da água no espaço focalizado, da sua proximidade das casas, da sua presença junto à Igreja. Enquanto isto, o narrador culto, parte do maior para o menor, revelando, através deste procedimento, preocupação com a estruturação de seu discurso. Na sua primeira fala, citada anteriormente, refere-se, de maneira genérica, à representação de aspectos geográficos no mapa mundi para, só depois, em sua segunda fala, chegar à minuciosa e artística descrição do espaço no qual

ocorrerá a história. Antes de chegar ao arraial propriamente dito, onde a ação narrativa transcorrerá, descreve seus arredores numa linguagem altamente elaborada, recorrendo com constância a figuras de linguagem:

Valha dizer-se também do redor – os cerrados de tabuleiros, uns campos, com amagrados capins e árvores de maus ossos, mas no entremontar de serras, onde se acham e se perdem as estradas. Andando ao acaso, às costas delas, um se pasma e interrompe, ao às-vezes abrir-se de vista alegre, longe, clara, nas paisagens inopinadas, páginas e páginas. Aqui e ora ali, por baixo, orlam-se caapões e pega-se chão bom, em vale oasioso: belvale, valverde, valparaíso. Adiante, quando as léguas cessam, surge em saco-de-morro uma casa de fazenda, toda dentro dos currais, entre-e-entre mangueiras – e o laranjal, com um coeso fresco de pequena floresta, indo até junto do paredão, em que o mato mexe-se sobre o calcário azul das pedreiras. O ar é ágil, a gente habita-o levemente. Casinhas brancas, cafuas morenas. E há o riacho ávido, corguinhos vários, grégio o gado pastando. Após o escurecer, vão-se assim vaga-lumes ou o assombrável luar ou o céu se impõe de estrelas. Às duas margens da noite, totais grilos e a simultaneidade dos sapos, depois e antes do em-si-estremecer das cigarras. Tudo pelo dito, quer que ali deva reger não o devido, mas o dado...

O “*também*”, presente no primeiro período da citação acima, mostra que o narrador culto tem conhecimento da fala anterior do narrador rústico. Mostra que a descrição efetivada por ele, José Reles, não lhe pareceu completa. Falar do poder lá reinante, da constância das águas, da tranqüilidade, de seu lugar neste espaço não lhe parece suficiente. Num afã de melhor descrever o espaço no qual se passará a ação, atém-se à paisagem que rodeia o povoado. Parece fazê-la a partir de um avião, pois descreve-a como um todo e capta a visão conjunta e móvel de cada uma de suas partes. Assim, fala dos “*cerrados de tabuleiros*”, do “*entremontar das serras*” com suas estradas, dos “*capões*”, dos “*vales oasiosos*”, de “*uma casa-de-fazenda*”, das “*mangueiras*” e dos “*laranjais*”... A descrição do que é visto é feita a partir de uma focalização situada fora do descrito, de uma perspectiva do alto, opostamente, pois, àquela efetivada pelo narrador rústico que realiza seu enfoque de dentro, como ser participante do descrito, atendo-se, inclusive, a sua própria descrição.

As cores que se fazem presentes na paisagem que rodeia o arraial constituem-se ainda como preocupação do narrador culto. Como a visão é feita a partir de uma perspectiva do alto, é possível registrar, à distância, as cores e os brilhos do visualizado: “*o mato mexe-se sobre o calcário azul das pedreiras*”; “*casinhas brancas, cafuas morenas*”; “*vão-se assim vaga-lumes ou o assombrável*

luar ou o céu se impõe de estrelas”. Sua visão inicialmente maximizada acaba por minimizar-se, alcançando os insetos e, desta forma, torna-se capaz de alcançar até mesmo os ruídos presentes no universo enfocado: “*As duas margens da noite, totais grilos e a simultaneidade dos sapos, depois e antes do em-si-estremecer das cigarras*”.

O leitor se depara, pois, com tentativa do narrador culto de completar as palavras descritivas do narrador que o antecedeu. Efetua-se, assim, o mesmo procedimento no qual anteriormente o narrador rústico corrigiu palavra utilizada pelo narrador culto (“arraial”/ “povoado”). As falas dos narradores são, pois, justapostas e objetivam complementarem-se sem apresentarem-se em situação de diálogo entre si. Parece importar apenas a eficiência do texto, sua competência para a comunicação com o leitor.

Este processo justapositivo vai se efetuando fala após fala. No entanto, quando se faz necessária correção mais rude, ela igualmente se efetiva. Assim, é com desdém que o narrador culto critica o uso excessivo de adágios por parte de José Régio e faz corrigendas à sua maneira de falar:

Súbito acúmulo de adágios – recurso comum ao homem do campo, quando tenta passar-se da rasa realidade, para principiar em fórmulas suas abstrações. Quanto à frase in fine, quererá dizer que: o que merece especulada atenção do observador, da vida de cada um, não é o seguimento encadeado de seu fio e fluxo, em que apenas muito de raro se entremostra algum aparente nexo lógico ou qualquer desperfeita coerência; mas sim as bruscas alterações ou mutações – estas, pelo menos, ao que têm de parecer, amarradinhas sempre ao invisível, ao mistério. (131)

Conforme já foi visto, o narrador culto foi ironicamente revelado como crítico da fala do outro, do diferente dele, do homem do campo. Em seu discurso fica clara a divisão, estando, de um lado, ele e o narratário, homens da cidade, de outro lado, ele, o outro, o diferente, o homem do campo, enfim, José Reles e as personagens de sua estória. A pedanteria deste narrador culto já foi anteriormente citada: quando explica, ao pé-de-página, “*mais ou menos*” como “*variante: menos ou mais*”. Ela continua ao referir-se à fala repleta de provérbios do narrador rústico, vendo-o como alguém desprovido de competência para a comunicação lingüística.

Enquanto a pedanteria do narrador não nominado continua, José Reles inicia, em sua quarta fala no espaço textual, a história desde o início do conto objetivada. Situa a personagem central e a descreve, recorrendo ao Pai da referida personagem e, até mesmo, aos amigos do Pai da personagem. Através deste procedimento, enraiza Seo Cesarino na realidade da terra, deixando claro que se trata de homem do campo, nascido e crescido no lugar onde a ação transcorrerá. Trata-se, pois, de “o mesmo”, de “o conhecido”, de “o

companheiro” do narrador rústico, sendo, obviamente, mais uma vez “o outro”, “o diferente”, “o exótico”, “o que necessita ser explicado” do narrador culto. Sem rodeios, José Reles inicia a pretendida estória, apresentando de chofre o protagonista e descrevendo-o:

- A verdade letrada! Aí é que está o polvilho... Antes, pois. Seo Cesarino estava sendo dono de uma venda, mesmo na saída do arraial. Seo Cesarino era moço apessoado, de bom siso, magro, alto, forçoso. Vermelho, dos de mais nariz, vestido com um paletó de alpaca, que nem seu defunto Pai, parecia até que pertencido do Pai, por tanto quanto. O Pai era homem situado, seguro, companheiro de caçadas de Seo Coronel Regismundo e compadre de Seô Caetano Mascarenhas, da Ponte-Nova. Com ele, não se brincava de aliás. Mas já tinha morrido. (131)

A preocupação do narrador culto com o discurso do outro não se limita à linguagem tida como demasiadamente rústica. Quer ainda elucidar o narratário daquilo que pode ser interpretado nas entrelinhas da fala deste narrador visto por ele como diferente, necessitando, pois, de explicação para que o narratário culto, da cidade, seu parceiro, possa compreender suas colocações. Assim, afirma, logo depois de iniciada a estória de José Reles propriamente dita, presente na última citação, o seguinte:

Senão se só em dois pontos, denuncia-se o narrador, quanto a secretas opiniões ou involuntárias razões, que estariam a conduzi-lo no contar; o que pode propor algo à luz o sentido oculto da estória. Primeiro, diz “na saída” do arraial, quando também, e melhor, poderia ser “na entrada”. Depois, reafirma, com instantes ênfases, a personalidade do Pai, como se de incerto modo este se fizesse notado ainda, mas preponderante, por alguma outra espécie de presença (Interpelado, sobre item e outro, ele nada tem para explicar.) (131)

Este processo de constante corrigenda do narrador culto da fala do narrador rústico tem como decorrência situar o conto sempre no presente, desempenhando o relatado papel de feito da memória, no caso, dos dois narradores. Dá-nos a ilusão de que o narrador rústico está diante do narratário, contando-lhe oralmente a estória ocorrida no arraial, atuando o narrador culto como mediador entre ambos, dada a dificuldade do narratário entender o que é contado por José Reles. Este procedimento faz com que o conto se efetue como uma constante enunciação. Traz-lhe as marcas do espetáculo, da encenação, aproximando, desta forma, a estrutura textual aqui

enfocada de uma peça teatral em cena. Faz ainda com que se efetue simultaneidade entre falar e ouvir. Ao mesmo tempo que o narrador culto fala para o narratário o que o narrador rústico diz, ele antes ouviu o que foi por José Reles dito. Da mesma forma, a fala do narrador rústico implica no ouvir da fala do outro, no caso, do narrador culto, ainda que diretamente eles nunca se falem.

O narrado faz-se por etapas bem delimitadas. Depois da introdução na qual foi descrito o lugar, surge a primeira personagem e a primeira parte da estória. Aí é apresentado “o mesmo”, “o igual” de José Reles, o homem do arraial: Seo Cesarino. Há cuidado por parte do narrador rústico em mostrar que se trata de morador do lugar. É homem bem falante, sempre ativo, porém - aqui sua especificidade - profundamente infeliz por não gostar de seu trabalho: vendeiro. Uma cheia inundou sua loja, não tendo nunca cuidado de recolocá-la em ordem. Leva a vida no descontentamento, andando de lá para cá. É a dor pelo tipo de vida que leva que o caracteriza. Seu problema consiste, em verdade, no dilaceramento entre o que é e o que gostaria de ser, embora não saiba, de início, em que isto consiste. Dia após dia as coisas vão piorando até que, num determinado momento, em conversa com José Reles, Seo Cesarino, categoricamente, afirma: “Justo, um dente de menino, que cai, é outro que vem já apontando...” (139). Esta fala agradou o narrador-personagem. Marca tomada de consciência por parte de Seo Cesarino de que a vida está tão ruim que só resta esperar pelo seu término para poder recomeçar.

A afirmação de Seo Cesarino, “Justo, um dente de menino, que cai, é outro que vem já apontando...” (139), é ainda reveladora de concepção trágica de existência. A personagem, cuja vida vinha se caracterizando pela dor do dilaceramento, aceita-a, reconhecendo que ela é necessária para que haja o cumprimento de seu destino. O dente novo só pode surgir depois da queda do antigo, depois da morte do antigo. Faz-se, pois, necessário esperar que o processo se cumpra como um todo. A afirmação de Seo Cesarino é reveladora da tomada de consciência da personagem trágica de que a dor é necessária, devendo, como tal, ser aceita com alegria.

Este momento que está sendo aqui focado marca um divisor na narrativa. Logo depois da fala de Seo Cesarino, há referência por parte do narrador-personagem, José Reles, ao Homem do Pinguelo como ser sobrenatural: “Gostei daquilo, demais. O Homem do Pinguelo eu acho que estava lá, remirando a gente. Ele, às vezes, fio que costuma aparecer assim, em portas de vendas...” (139)

Como o Homem do Pinguelo não é conhecido, não faz parte de nosso folclore, ou, ao menos, dele não se sabe, cumpre buscar pelo seu sentido. Claro está que, no contexto em que se situa, significa protetor, aquele que

ajuda na mudança do destino. Note-se que aparece no conto logo após o reconhecimento de Seo Cesarino da situação em que se encontra. Quem o cita é José Reles, atuando, pois, o Homem do Pinguelo como leitura efetivada pelo narrador rústico da situação em que se encontra a personagem de sua estória, Seo Cesarino:

Deciso, então, Seo Cesarino desfechou num rompante, desses, de nada antes de nada. É bem de ver que, trás hora, um rechupa alívios novos – de de-dentro mesmo da cuia da aflição. – “Justo, um dente de menino, que cai, é outro que vem já apontando...” – resumo que ele mais disse, sem dar a razão de seu dizer.

Gostei, daquilo, demais. O Homem do Pinguelo eu acho que estava lá, remirando a gente. Ele, às vezes, fio que costuma aparecer assim, em portas de vendas... (139)

“Pinguelo” é uma variante de “pinguela”: tronco ou prancha que serve de ponte sobre um rio. Trata-se, pois, de um mediador entre um lado e outro lado. Até agora foi apenas vislumbrado um lado da vida de Seo Cesarino, aquele do descontentamento com a sorte que lhe foi atribuída. Resta aguardar o que ocorrerá quando passar para o outro lado.

O narrador culto, que inicialmente tinha se apresentado como alguém que se acreditava superior ao narrador rústico, muda totalmente de posição. Apresenta-se surpreso com a referência feita por seu parceiro à personagem sobrenatural: “- *Oh. E estava-lhes ali, aos lados?*”. A partir de então, transforma-se em simpático co-adjuvante de José Reles. Quando não está acrescentando à história dados esquecidos pelo narrador rústico, está oferecendo ao leitor uma visão da maneira como José Reles cenicamente conta sua história: “*Fecha os olhos, ao se referir às nefas causas*” (135). É ele, o narrador culto, agora verdadeiro co-adjuvante do narrador rústico, quem marca a passagem da primeira parte da história para a segunda, afirmando: “*Porém é peta, o jogo de adivinhas. A estória camba para uma segunda parte*” (140).

O anterior excesso de água é substituído pela seca. É José Reles quem encontra a nova personagem: Mourão. Sua configuração efetua-se como oposição direta à primeira personagem, Seo Cesarino. É sabido que o vendeiro era alguém enraizado no lugar, tendo herdado a loja de seu pai que, por sua vez, também herdou-a de seu pai. Mourão caracterizar-se-á como alguém que se fez pelo seu próprio trabalho. É o narrador culto que dá a conhecer este aspecto da personagem:

Mourão teria ido adquirir muito longe aquele gado. Fazia isso todos os anos, mas começara com cabedal pouco, talvez como capataz de ricos patrões.

De miga a migalha, reaplicara depois de cada vez a quantia ganhada, trazendo rebanhos sempre maiormente. Viajando, sem parar, em sonho de descanso, a vida toda e mocidade; e, agora, que conseguira um boiadao de aguar inveja no espírito dos outros, com ela naufragava no sair do sertão, no vago da grande terrível seca território. (143)

Mourão, visto a partir da perspectiva de José Reles, tem, num primeiro momento, sua imagem confundida com a da Morte. Sua aparição é bem distinta daquela que se efetivou na primeira parte da história quando o mesmo narrador rústico apresentou Seo Cesarino. Este apareceu de súbito e de forma clara na narrativa, aquele, o outro, o que vem de fora, aproxima-se de José Reles de maneira que este não consiga vê-lo com nitidez. A figura de Mourão é totalmente oposta à de Seo Cesarino. Enquanto este tem “a cara comprida” (132), aquele é descrito como “cara de lua das luas, desabado posto o chapelão” (141). O desleixo do vaqueiro opõe-se à fineza do vendeiro que “estava sempre calçado de botinas, o chapéu em cheio, com colete e paletó, mesmo dentro de casa” (131). A lentidão do boiadeiro é ressaltada pelo narrador rústico, “o Mourão se permanecia do dito jeito, conformemente, ao pé de uma grande árvore. Ele não arredava passo de lá, daquela sombra, curtindo a calma” (144). Seo Cesarino não permanece quieto em momento algum, está sempre indo de lá para cá: “ele usava ficar passeando, perpassante, por frente da venda, e bom é dizer que nunca se viu outro para andar com vontade de passo tão largo e estudado ligeiro, feito ele” (131). A praticidade do homem que vem de fora, “enxuto de idéias, com a cabeça comportada – subindo para as glórias da forca – em clara situação” (142) é a contrapartida da mente confusa de Seo Cesarino “só nervoso, cismoso, dava para se ocupar em si, por esmorecido, esbarrado. Ele era o pobre de um moço que ia se ajudando a ficar velho, sofria o sem-conformidade” (138). Enquanto Seo Cesarino bebe, “um pingo e gole” (138), Mourão fuma “o cigarro comprido, fora do costume” (141). Enquanto Seo Cesarino, homem sempre ativo, caça, Mourão, em sua lentidão, pesca. Assim como Seo Cesarino no arraial sempre se mostrou descontente, Mourão também chega descontente com sua sorte, conforme palavras do narrador rústico:

Dos fatos que falava, assim, mas sem o estado de se queixar, conformemente, enquanto que puxava aproveitada a fumaça toda do cigarro, tirei por mim: que o prejuízo dele estava para ser tão grande, que o homem já devia de meio se aquietar, que resignado, para cá do para lá do morro da derradeira desgraça, e as outras desditas de acompanhamento, de perdido por mil, com tantos atravéses; pois – mil é metade de nada. (143)

A construção das duas personagens faz-se, pois, de forma declaradamente opositiva. Em comum entre eles, existe apenas o desgosto da vida que levam. Sendo Seo Cesarino o mesmo, o homem do lugar, Mourão será o outro, aquele que vem de fora. Acontece que o outro, segundo palavras do narrador culto, traz um nome significativo, pois Mourão é o nome atribuído ao “patrono da muda de dentes das crianças” (145). Apontando tal dado, o narrador une o discurso de Seo Cesarino, “Justo, um dente de menino, que cai, é outro que vem já apontando...” (139), com o do Mourão: “*Se com esse nome – de Mourão – se encontram no sertão alguns, de mais de uma estirpe, inclusive aquele, incognoscível, patrono da muda de dentes das crianças, difícil é ouvir-se e crer-se, contudo, de uma assim, tão obstinado no estranho*” (145).

Já foi dito anteriormente que Seo Cesarino caracteriza-se como personagem trágica, consciente de sua sorte. Sabe que está vivendo o momento final de um estado para poder surgir outro. Acontece que logo depois desta tomada de consciência chega outra personagem cujo nome, indicado por um dos narradores, significa “*patrono da muda de dentes*” (145). O vínculo entre eles está, pois, estabelecido. Haverá o cruzamento do rio, haverá a mudança da sorte. O Homem do Pinguelo, percebido pelo narrador rústico como o protetor, cumprirá sua função. O outro, aquele que chega, oferecerá ao mesmo a visão de si próprio. A identidade de Seo Cesarino será reconhecida na alteridade de Mourão. Da mesma forma, a identidade de Mourão será reconhecida na alteridade de Seo Cesarino.

O encontro dá-se na venda de Seo Cesarino. Mourão aí vem juntamente com José Reles. Conversa vai, conversa vem e, neste mesmo primeiro encontro, de supetão, Mourão, reconhecendo-se na alteridade de Seo Cesarino, apresenta-lhe a seguinte proposta: “- O senhor quer barganhar carne podre por fumo podre?” (151). Reconhecendo-se igualmente Seo Cesarino em Mourão, aceita a proposta. Feita a troca, cada um toma seu rumo e cada um torna-se feliz na nova vida, superando, desta forma, o anterior descontentamento.

E o narrador culto? Ele também se transmuda. Aquele anterior ser pernóstico a atuar como tradutor do narrador rústico transforma-se em co-adjuvante a marcar o texto de maneira a aproximá-lo da obra dramática, de maneira a melhor revelar seu vínculo com a tragédia.

BIBLIOGRAFIA

ROSA, J. G. *Estas Estórias*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.